

Nem ação de FHC tira Senado do impasse

Presidente coloca ministro como opção para lugar de Jader, mas partidos não se entendem

CHRISTIANE SAMARCO
e JOÃO DOMINGOS

BRASÍLIA – Com a interferência direta do presidente Fernando Henrique Cardoso, o senador Ramez Tebet (PMDB-MS) pode ser retirado do Ministério da Integração Nacional para tentar resolver o impasse em torno da sucessão na presidência do Senado. Mas, nem assim, a cúpula peemedebista conseguiu a garantia de indicar um nome de sua confiança para a cadeira, desocupada antecipadamente pelo senador Jader Barbalho (PMDB-PA).

No início da noite, o senador José Sarney (PMDB-AP), mesmo magoado com o Palácio do Planalto e depois de comunicar ao presidente do PFL, Jorge Bornhausen (SC), que não seria candidato, admitiu disputar a indicação na legenda.

Em vez de resolver o problema, a volta de Tebet agravou ainda mais o racha no partido. Mesmo depois de obter de Fernando Henrique a garantia de que o ministério não seria extinto e o cargo permaneceria com o PMDB – após a saída do ministro –, a direção da legenda não conseguiu pacificar a bancada. Os senadores José Alencar (MG) e José Fogaça (RS) passaram a acusar o Palácio do Planalto de ter feito uma intervenção no Senado.

“Não é possível que entre os 25 senadores do PMDB inexistente um nome capaz de presidir o Senado”, protestava Fogaça. “Trazer alguém de fora para resolver o impasse é um desrespeito à instituição.” Mas o que motivou a cúpula peemedebista a tomar a decisão

foi a briga com o PFL e com o PSDB, que vetaram a indicação do líder do partido, senador Renan Calheiros (AL).

Além disso, a direção do PMDB irritou-se, também, ao perceber que o PFL teria se “apropriado” da candidatura de Sarney. “Quero ver o PFL e o PSDB vetarem o nome que é da preferência do presidente Fernando Henrique”, desafiava um dos dirigentes do partido que, por volta das 3 horas da manhã de ontem, convenceu Tebet a

deixar o ministério, em mais uma das incontáveis reuniões de peemedebistas em torno do processo de sucessão no Senado.

Tinha razão. O PFL tentou uma manobra regimental para adiar para a próxima semana a eleição do novo presidente do Senado, marcada para hoje. Arrastou setores do bloco de oposição e tucaos. Mas, ao final da tumultuada votação do requerimento que adiaria a escolha, o PSD recuou e juntou-se ao PMDB para decidir que a sessão será hoje. Só que às 14h30 – não às 10 horas, como antes estava previsto.

Veto – Tanta confusão tem deixado os senadores irritados. Por todos os lugares por onde passam, os que não pertencem ao PMDB criticam a indecisão dos colegas peemedebistas. Estes, sem conseguir chegar a consenso nenhum, não têm condições de dar explicações convincentes sobre o que está acontecendo

dentro da própria bancada.

“Estamos dando motivos para que a chacota continue ao redor da Casa”, lamentava, ontem, o senador Bernardo Cabral (PFL-AM), um dos principais articuladores do adiamento da eleição do novo presidente, numa operação pelefista para favorecer Sarney.

Tudo se complicou ainda mais quando o senador Jefferson Péres (PDT-AM) procurou o PFL para dizer que era preciso reagir a uma nova tentativa do PMDB para forçar a eleição do líder Renan para presidir o Senado. Nesse caso, recomendou o pelefista, todos os partidos teriam de procurar uma alternativa, ainda que dentro do PSD. Foi esse o clima que levou o PMDB a recorrer ao candidato preferido de Fernando Henrique.

O veto a Renan foi tão claro que o presidente do PSD, deputado José Aníbal (SP), literalmente mudou-se da Câmara para o Senado e assistiu a todas as sessões que ocorreram ontem. Ele permaneceu sempre ao lado do presidente nacional pelefista, seu companheiro na resistência à indicação de Renan para o posto.

**PFL TENTOU
MANOBRA
PARA ADIAR
DECISÃO**